

Retomada do Investimento? Importações e Produção de Bens de Capital

A esperada retomada da atividade econômica parece estar a caminho, conforme mostram os indicadores recentemente divulgados sobre o emprego industrial, a capacidade utilizada e expectativa dos empresários. Todavia, embora a aceleração do nível de atividades se faça necessária, deve-se questionar a possibilidade de tal expansão se perpetuar ao longo do tempo.

Apenas a elevação do estoque de capital e melhorias tecnológicas podem resultar em crescimento continuado do produto, o que é condição necessária mas não suficiente para o desenvolvimento econômico.

A produção doméstica de bens de capital vem mostrando forte dinamismo, elemento que corrobora a expectativa de que a taxa de investimento se eleve novamente este ano. Todavia, as quantidades importadas de bens de capital ainda não se recuperaram plenamente da forte retração verificada em 2003.

Há vinte e dois anos o Brasil enfrentava a pior crise da economia internacional desde 1929. Um dos resultados da Crise da Dívida de 1982 foi a retração do PIB de 3% no ano seguinte. Nos vinte e um anos que vão de 1982 a 2003, apenas entre 1984 e 1986 e em 1994, as taxas de crescimento do PIB foram superiores a 5%.

O crescimento econômico no longo prazo, conforme nos ensina a teoria econômica convencional, depende dos fatores de produção: capital e trabalho, bem como da tecnologia que articula os montantes de fatores de produção para se obter determinado nível de produto. Não se pode, contudo, se deixar de mencionar as instituições como elemento relevante na trajetória expansiva da economia.

A ampliação do estoque de capital da economia decorre dos fluxos de gastos com investimentos. Em 1982, a participação dos gastos com investimentos brutos na despesa agregada era de 23%. Em 2002 recuou para 18%. Pode-se estimar a trajetória das despesas em investimentos por meio da produção física da indústria de bens de capital e da evolução do *quantum* das importações de bens de capital, embora o valor dessas importações não conste das despesas domésticas em investimentos.

A despeito das recentes melhoras nos indicadores de curto prazo da produção industrial (elevação do nível de emprego na indústria paulista; elevação do nível de capacidade instalada; melhoria nas expectativas dos empresários) os quais de fato podem estar indicando uma retomada do nível de atividades, deve-se colocar a questão de que, em havendo o aquecimento da economia, quais as chances de que não se verifique o crônico *stop and go* que a economia brasileira vem amargando a mais de duas décadas?

Os dados mais recentes de produção industrial de bens de capital e do *quantum* das importações desses bens indicam que de um lado, a produção de bens de capital vem puxando a produção da indústria em geral, a despeito do maior peso da produção de bens intermediários na matriz industrial brasileira. De fato, a produção de bens de capital acumulada no primeiro bimestre desse ano é 13% superior à verificada em mesmo período do ano anterior.

De outro lado, contudo, o *quantum* importado de bens de capital, que mostrou expressiva queda ao longo de 2003, até o momento não se recuperou, estando, em março desse ano, 12% inferior ao nível de março de 2003 (segundo a média móvel em 12 meses).

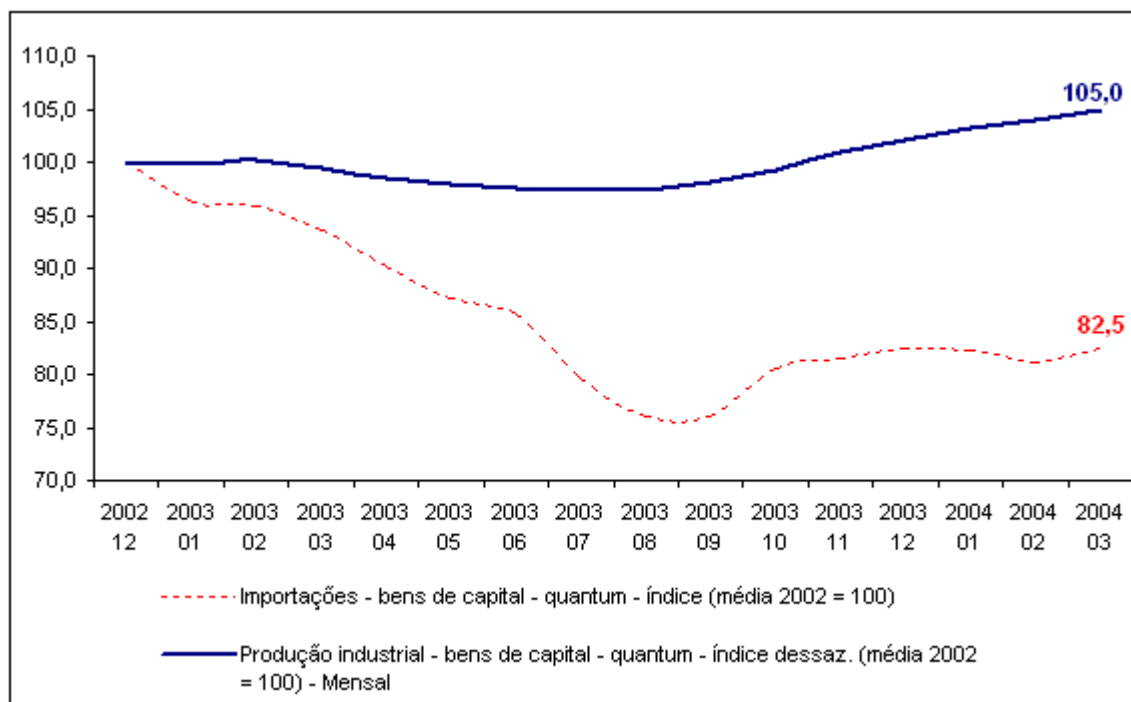
Os indicadores apontam, portanto, tendências opostas, mesmo porque, o maior volume de produção doméstica de bens de capital pode estar associado aos setores com maior dinamismo da economia brasileira nos últimos trimestres, ou seja, os setores com demanda externa.

Boletim da SOBEET

Edição e Redação: Fernando Ribeiro

Avenida Paulista, 326 - 1º andar
Conjuntos 15/16 - São Paulo-SP -
Brasil - CEP 01310-000
tel/fax: 55 11 287-6987/251-2237
e-mail: sobeet@uol.com.br
site: www.sobeet.com.br

Gráfico 1 - Produção e Importação de Bens de Capital (Quantum)
 (Média Móvel em 12 Meses 2002=100) Dez/2001 - Mar/2003



Fonte: FUNCEX e IBGE. Elaboração: SOBEET.

PRESIDENTE: Antônio Corrêa de Lacerda (PUC-SP)
VICE-PRESIDENTE: Maria Helena Zockun (FIPE-USP)

DIRETORES: Antonio Prado (Senado)
 Lia Hasenclever (IE-UFRJ)
 Lia Valls Pereira (EPGE/IBRE-FGV-RJ)
 Otaviano Canuto (Ministério da Fazenda - Diretor Licenciado)

CONSELHO CONSULTIVO:

Antonio Martins da Cunha Filho (DECEC-BACEN); Armando Castelar Pinheiro (IPEA); Arno Meyer (Ministério da Fazenda); Beny Parnes (Assuntos Internacionais-BACEN); Carlos Eduardo Carvalho (PUC-SP); Carlos Kawall (Citibank/PUC-SP); Carlos Mussi (CEPAL-Brasil); Claudio Frischtak (Inter B); Gustavo Franco (PUC-RJ); Henrique Meirelles (Presidente BACEN) Hermann Wever (Siemens Brasil); João Paulo dos Reis Velloso (INAE); John E. Mein (Consentes); Luciano Coutinho (IE-UNICAMP); Luiz Carlos Bresser Pereira (FGV-SP); Mário Vilalva (Promoção Comercial do Itamaraty); Maurício Mesquita Moreira (BNDES); Octavio de Barros (Bradesco); Regis Bonelli (IPEA); Reinaldo Gonçalves (IE-UFRJ); Renato Baumann (UnB/CEPAL-Brasil); Ricardo Bielschowsky (CEPAL-Brasil); Rubens Barbosa (Embaixador do Brasil em Washington); Rubens Ricupero (Secretário Geral da UNCTAD) Samuel Pinheiro Guimarães (Secretário Executivo do Ministério das Relações Exteriores); Sandra Polónia Rios (CNI); Vera Thorstensen (Missão do Brasil na OMC); Virene Roxo Matesco (EPGE/IBRE-FGV-RJ); Viviane Ventura (CEPAL-Chile); Winston Fritsch (Rio Bravo); Yoshiaki Nakano (FGV-SP)

Mantenedores

SIEMENS



PINHEIRO NETO ADVOGADOS



Câmara Americana de Comércio
 American Chamber of Commerce

